

O criador e a criatura: Friedrich Hayek e a rede transnacional de *think tanks* na América Latina

The creator and the creature: Friedrich Hayek and the transnational network of think tanks in Latin America

Gabriel da Fonseca Onofre¹

gabriel.onofre@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2388-4526>

Resumo: O presente trabalho examina a trajetória do intelectual Friedrich Hayek e seu papel na formação de uma rede transnacional de *think tanks* neoliberais na América Latina entre as décadas de 1950 e 1980. O sucesso do livro *O caminho da servidão* contribuiu para o reconhecimento internacional do filósofo austríaco e tornou possível concretizar seus esforços para o estabelecimento de uma comunidade internacional de defensores do liberalismo econômico. Para isso, o engajamento e apoio do empresariado foram fundamentais, com destaque para a participação do empresário britânico Antony Fisher e do brasileiro Donald Stewart. A partir de fontes do arquivo de Hayek e de sua organização, a Sociedade Mont Pelerin, disponíveis no acervo da Hoover Institution, na Universidade de Stanford, bem como da documentação do arquivo do Instituto Liberal do Rio de Janeiro, procuramos demonstrar, em uma perspectiva transnacional, a importância das conexões e intercâmbios entre indivíduos e organizações estadunidenses, europeias e latino-americanas da rede organizada por Hayek para a divulgação de uma agenda neoliberal no continente. Por fim, o trabalho ancora-se em uma perspectiva distinta da história tradicional das ideias ao buscar historicizar e conectar as ideias neoliberais a seus agentes e contextos de operação.

Palavras-chave: Hayek, Sociedade Mont Pelerin, *think tank*, Instituto Liberal.

Abstract: This article examines the trajectory of the intellectual Friedrich Hayek and his role in the building of a transnational network of neoliberal think tanks in Latin America between the 1950s and 1980s. The success of the book *The road to serfdom* contributed to the international recognition of the Austrian philosopher and made it possible to implement his efforts towards the establishment of an international community of advocates of economic liberalism. For this purpose purpose, the engagement and support of the business community were fundamental, with emphasis on the participation of the British businessman Antony Fisher and the Brazilian Donald Stewart. Based on sources in the archives of Hayek and his organization, the Mont Pelerin Society, available in the collection of the Hoover Institution, at Stanford University, as well as the documentation of the archive of the Instituto Liberal of Rio de Janeiro, we seek to demonstrate from a transnational perspective the importance of connections and exchanges between American, European and Latin American individuals and organizations in the network organized by Hayek for the dissemination of a neoliberal agenda on the continent. Finally, the work is anchored in a perspective that is different from the traditional history of ideas by historicizing and connecting neoliberal ideas to their agents and contexts of operation.

Keywords: Hayek, Mont Pelerin Society, think tank, Instituto Liberal.

¹ Colégio Pedro II. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História e Educação Básica. Campo de São Cristóvão, 177. São Cristóvão. 20921-903. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

Introdução

A história do neoliberalismo não pode ser resumida a um país, uma instituição, uma escola de pensamento ou a alguns intelectuais. Para analisar esse fenômeno político, econômico e intelectual global, precisamos traçar alguns recortes, delimitando o escopo da análise.

Mas, antes, precisamos descartar duas abordagens tradicionais. A primeira, de cunho essencialista e a-histórico, concebe o avanço do liberalismo econômico pós-1945 de maneira autoexplicativa. Nesta, a categoria neoliberalismo é empregada como explicação autossuficiente para inúmeras experiências políticas e econômicas, diversas entre si, do período pós-década de 1970. Dedicar-se, assim, pouco às trajetórias e desenvolvimentos que tornaram possível a ascensão política da agenda liberal. A segunda, de caráter teleológico, compreende o fenômeno como um processo dado, explicando suas origens e desdobramentos a partir do desfecho do último quarto do século XX. Aqui, erra-se ao ignorar que o movimento neoliberal possui uma história longa e tortuosa e que seu sucesso político não estava (e não está) dado.

Superados esses dois problemas, enfrentamos ainda um desafio: a complexidade do fenômeno neoliberal. Podemos dizer que o que se convencionou denominar “neoliberalismo” não é *um*, mas vários. Compõe experiências políticas, correntes de pensamento, políticas econômicas, organizações e intelectuais diversos. Apenas para a América Latina, podemos citar que fazem parte do fenômeno experiências políticas variadas, que vão da agenda econômica imposta pelo autoritarismo pinochevista às reformas dos Estados nos anos 1980 e 1990 ou das escolas econômicas que disputam poder e influência, como a Escola de Chicago, a Escola Austríaca e a Escola da Virgínia aos *think tanks*² interessados em promover ideias e influenciar políticas públicas.

Neste artigo, examinamos a história do neoliberalismo como um movimento intelectual que, através de indivíduos, grupos e organizações, criou as condições para a ascensão da agenda econômica neoliberal. Examinamos inicialmente a trajetória de Friedrich Hayek, intelectual considerado um dos expoentes do neoliberalismo, e seu papel na formação da Sociedade Mont Pelerin, rede internacional de indivíduos e organizações em defesa da promoção de uma agenda liberal no período pós-1945. A seguir, investigamos a expansão da organização para a América Latina, observando a criação e difusão de *think*

tanks na região. Por fim, concluímos com a participação dos brasileiros na rede Mont Pelerin, analisando o surgimento do Instituto Liberal e seu papel para a divulgação de valores e ideias neoliberais no país.

Diante dessa rede de indivíduos e organizações que ultrapassa as fronteiras nacionais, recorreremos a uma abordagem transnacional buscando dar conta dos intercâmbios sociais e culturais estabelecidos entre grupos europeus, estadunidenses e latino-americanos. Sem ignorar a dimensão de poder e a assimetria dessas relações, apontamos suas interações complexas, caracterizadas por trocas, intercâmbios e cooperação.

É inegável que não podemos reduzir o neoliberalismo à rede internacional fundada por Hayek. Embora reconheça que a Sociedade Mont Pelerin é apenas uma das expressões do movimento neoliberal, este artigo busca demonstrar que essa organização é uma faceta importante para compreendermos a ascensão da agenda econômica liberal na América Latina no período pós-1945.

Mas antes de conhecermos a criatura, precisamos conhecer o criador.

Friedrich Hayek

A história de vida de Hayek confunde-se com a história do século XX. Friedrich August von Hayek nasceu em Viena, capital do Império Austro-Húngaro, em 8 de maio de 1899. Faleceu em 23 de março de 1992, na cidade de Freiburg na Alemanha. Seus mais de 90 anos de vida foram dedicados à produção intelectual, com trabalhos reconhecidos nos campos da Economia e da Filosofia. Como pensador, seu nome é associado às críticas ao Estado capitalista de Bem-Estar Social e aos regimes socialistas, bem como à defesa das políticas neoliberais. Hayek tornou-se, ao lado do estadunidense Milton Friedman, o mais célebre oponente da economia keynesiana na segunda metade do século XX.

No entanto, a hegemonia das ideias neoliberais do final do século XX pode dar uma dimensão equivocada da trajetória de Hayek. A imagem do intelectual prestigiado, ideólogo das grandes reformas econômicas e amigo de poderosos como a primeira-ministra Margaret Thatcher, é uma reconstrução *a posteriori*. Apesar de reconhecido internacionalmente por sua obra *O caminho da servidão* e ser popular nos círculos liberais da época, Hayek, durante boa parte da sua vida, sentiu-se relegado ao ostracismo pelo predomínio das ideias keynesianas (Friedman e Friedman,

² Embora não haja consenso entre os especialistas acerca de uma definição para *think tank*, podemos definir essas organizações a partir de algumas características comuns apontadas por boa parte dos estudiosos para qualificá-las: a) são instituições dedicadas à pesquisa e análise de estudos para a produção de políticas públicas; b) não são instituições voltadas para o lucro; c) não possuem vínculos partidários (o que não significa que não haja vínculo ou orientação política). Vale dizer ainda que não há uma tradução reconhecida do termo *think tank* para o português. O aportuguesamento do termo (“tanque de pensamento”) não é uma tradução utilizada.

1998). A virada ocorreu apenas na década de 1970, com o recebimento, ao lado do sueco Gunnar Myrdal, do prêmio Nobel de Economia, um dos primeiros sinais de reconhecimento das ideias neoliberais no pós-guerra.

Em 1931, Hayek emigrou para a Inglaterra para trabalhar na *London School of Economics*, a convite do economista Lionel Robbins. Em 1944, publicou sua obra mais famosa, *O caminho da servidão*, que se tornou um sucesso imediato. O livro, dedicado em seu prefácio aos socialistas britânicos, era fruto da preocupação de Hayek com o contexto político e econômico do pós-guerra. Sua tese central era simples e direta: o planejamento econômico, entendido como o controle centralizado da economia, leva ao autoritarismo. Para o intelectual, o controle das decisões econômicas pelo governo produz a supressão de outros tipos de liberdade. É importante dizer aqui que a concepção de liberdade de Hayek se fundamenta basicamente nas liberdades econômicas, como a defesa da propriedade privada, da livre iniciativa e da competição dos mercados, e nas liberdades políticas, como liberdade individual e de expressão.

No livro, o crescimento da participação dos governos nas economias capitalistas durante a guerra, somado ao fortalecimento dos partidos comunistas e socialistas em diversos países, representava uma ameaça como o fascismo, então derrotado. Para Hayek, naquele momento, os países capitalistas europeus e os Estados Unidos marchavam perigosamente para um caminho de servidão.

O sucesso do livro

Na Inglaterra, a primeira edição do livro esgotou-se em um mês. O economista Fritz Machlup escreveu para John Scoon, editor da Chicago Press, responsável pela publicação do livro, eufórico com a repercussão positiva. “Mesmo pessoas, como Keynes, criticadas por Hayek, fizeram elogios ao livro”³. O impacto do livro se refletiu nos debates do Parlamento britânico. “Caminho da servidão” virou um slogan usado pelos conservadores para acusar as propostas políticas dos trabalhistas⁴.

Nos Estados Unidos, publicado meses depois, o sucesso foi ainda maior. Em poucos meses, esgotaram-se

duas edições. No final de 1944, havia a expectativa de atingir a marca de 35 mil exemplares vendidos⁵. Quando a revista popular *Reader's Digest* anunciou seu interesse em produzir uma versão condensada do livro, a ser publicada no início de 1945, as perspectivas para a obra se ampliaram. Embora não se possa creditar à versão popular da *Digest* o sucesso de vendas de *O caminho da servidão*, uma vez que a obra já vendia de forma surpreendente, o novo formato deu uma impulsão importante às vendas. Em abril, a edição condensada do livro chegava aos lares americanos. Mais de 1 milhão de exemplares foram distribuídos, popularizando Hayek no país. A própria revista se impressionou com o número de vendas. Seu editor, Stanley High, escreveu para Hayek se dizendo surpreso com o impacto do livro, que passou a pautar o debate intelectual do país. Em sua carta, declarou que sua revista “há muito tempo não produzia uma publicação tão significativa”⁶.

Ressalte-se que o livro, visto retrospectivamente como um sucesso mundial, enfrentou dificuldades para conseguir uma editora, principalmente nos Estados Unidos. Uma década depois, Hayek escreveu que não se surpreendeu quando seu livro foi recusado pelas primeiras três editoras, uma vez que pensou “pouco no país ao escrever a obra” (Hayek, 1967, p. 216).

A publicação de *O caminho da servidão* nos Estados Unidos se tornou possível graças a Aaron Director, economista de renome que persuadiu seus amigos da Universidade de Chicago e sua editora a publicar o livro com uma tiragem de 2 mil exemplares. Com o tempo, as vendas atingiram cem vezes esse número. Uma grande surpresa para Hayek, que chegou a escrever que o livro não foi feito para o consumo popular (Hayek, 1990).

O sucesso no país deveu-se a razões de ordem social, ideológica e comercial. Sobre as últimas, o trabalho de lançamento do livro é resultado de uma rede de indivíduos, em sua maioria intelectuais, empresários e jornalistas, em formação desde a década de 1930, com o objetivo de recuperar o discurso liberal econômico, combatido pela Grande Depressão⁷.

Uma série de críticas favoráveis à obra contribuiu para lhe dar visibilidade e impulsionar as vendas. Na primeira página do *New York Times Book Review*, o jornalista Henry Hazlitt, entusiasta das ideias do liberalismo econômico⁸, proclamou que o livro era “um dos mais importantes

³ Cartas de Fritz Machlup para John Scoop, em 2 de agosto de 1944.

⁴ Cartas de John Scoop para Fritz Machlup, em 7 de agosto de 1944, e Fritz Machlup para John Scoop, em 2 de agosto de 1944.

⁵ Carta de Fritz Machlup para Hayek, em 19 de outubro de 1944.

⁶ Carta de Stanley High para Hayek, em 18 de junho de 1945.

⁷ Um marco importante da formação de uma rede transnacional de intelectuais, empresários e jornalistas em defesa de uma agenda (neo) liberal é o Colóquio Walter Lippmann, ocorrido na França, em 1938. O evento, batizado em homenagem ao jornalista nova-iorquino, foi uma iniciativa do filósofo francês Louis Rougier e reuniu 26 representantes, de oito países, no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, em Paris. Os objetivos principais do colóquio eram discutir a crise enfrentada pelo liberalismo clássico e debater a necessidade de sua refundação. Importantes personalidades do círculo intelectual liberal estiveram presentes, como Hayek, Raymond Aron, Lionel Robbins, Wilhelm Röpke, Louis Marlio, William Rappard, Jacques Rueff e Ludwig von Mises. Entre os convidados, mas que não compareceram, vale mencionar o historiador holandês Johan Huizinga e o escritor espanhol Ortega y Gasset, autor de *A rebelião das massas*. Ao fim do encontro, decidiu-se pela publicação de um manifesto de reformulação do programa liberal (chamado “A Agenda do Liberalismo”) e pela formação de uma rede internacional voltada ao estudo e à divulgação das ideias do liberalismo econômico.

⁸ No ano seguinte, Henry Hazlitt escreveu *Economics in One Lesson*, considerado nos círculos neoliberais uma espécie de manual de introdução às ideias do livre mercado, e que vendeu até o presente momento mais de 1 milhão de exemplares.

de nossa geração”, comparável a *On Liberty* de John Stuart Mill. Na revista *Fortune*, John Davenport apresentou a obra como “uma das principais declarações liberais de nosso tempo”, uma reafirmação “da fé no individualismo” e “da fé, sobretudo, na civilização cristã ocidental”. Mortimer Smith foi mais longe, profetizando que “o livro será um marco em uma época de crise” como foi “Os Direitos do Homem” de Thomas Paine (Nash, 2006, p. 7-8).

O livro de Hayek foi crucial para o fortalecimento da corrente neoliberal do movimento conservador nos Estados Unidos. A falta de tradição do pensamento liberal clássico no país, as tentativas frustradas de organizar um movimento intelectual anti-*New Deal*, como ocorreu com a Liga Americana da Liberdade (*American Liberty League*) da família Du Pont, e a pequena repercussão de intelectuais conservadores estadunidenses como Frank Knight, Albert Jay Nock e Henry Simons explicam a empolgação dos grupos empresariais com o sucesso da obra de Hayek no país (Philipps-Fein, 2009-2015, p. 10-15).

A elite econômica que combatia o *New Deal* via em Hayek um aliado precioso. Na esteira das vendas de *O caminho da servidão*, Hayek foi convidado para passar cinco semanas viajando pelo país, dando palestras em universidades e instituições empresariais.

O liberalismo econômico de *O caminho da servidão*

Outra razão importante para o sucesso do livro foi sua mensagem de reformulação do liberalismo econômico, afinada com as preocupações daquele tempo. Naqueles anos de final de guerra, com o mundo ainda marcado pelas crises econômica e social, o discurso intransigente em defesa de um capitalismo *laissez-faire*, como advogavam alguns intelectuais liberais, destaque aqui para o austríaco Ludwig von Mises, reverberava pouco.

No livro, Hayek defende uma agenda liberal econômica diferente do *laissez-faire* hegemônico do final do século XIX e início do XX. Embora bastante crítico ao aumento das atribuições do Estado durante as crises econômica e social dos anos 1930, Hayek, diferentemente de Mises, defendeu algumas críticas às ideias da Escola de Manchester⁹. Ao “caminho da servidão”, identificado com o destino das políticas socialistas e dos governos capitalis-

tas orientados para uma maior intervenção na economia, Hayek opôs o “caminho abandonado” do individualismo extremo e do liberalismo econômico radical. Em sua reformulação do liberalismo clássico, escreveu:

Os princípios básicos do liberalismo não contêm nenhum elemento que o faça um credo estacionário, nenhuma regra fixa e imutável. O princípio fundamental segundo o qual devemos utilizar ao máximo as forças espontâneas da sociedade e recorrer o menos possível à coerção pode ter uma infinita variedade de aplicações. Há, em particular, enorme diferença entre criar deliberadamente um sistema no qual a concorrência produza os maiores benefícios possíveis, e aceitar passivamente as instituições tais como elas são. Talvez nada tenha sido mais prejudicial à causa liberal do que a obstinada insistência de alguns liberais em certas regras gerais primitivas, sobretudo o princípio do laissez-faire. Contudo, de certa maneira, essa insistência era necessária e inevitável (Hayek, 1990, p. 43).

No lugar do “caminho da servidão” e do “caminho abandonado”, Hayek propôs “A Regra da Lei” (*The Rule of Law*), na qual o Estado possui certas funções, mas em que “todas as suas ações são balizadas por regras fixadas e anunciadas antecipadamente”, dispostas a “promover a competição e o funcionamento da sociedade livre”. Nesse sistema, algumas políticas, como a limitação da jornada de trabalho e as regras de seguridade social, seriam aceitáveis (Hayek, 1990, p. 55-59). Concessões que Hayek fez nos anos 1940 e abandonou décadas depois¹⁰. Inaceitáveis para Mises, já nesse período, é bom dizer.

É importante não perder de vista que, embora Hayek proponha uma reformulação do liberalismo econômico com algumas diferenças para o *laissez-faire* da Escola de Manchester, seu livro é um manifesto contra o socialismo e o comunismo. Além disso, ainda que mais tolerante à atuação do Estado do que em seus escritos posteriores, suas críticas ao *laissez-faire* são moderadas, quando as comparamos com trabalhos da mesma época de outros autores liberais de renome, como Walter Lippmann, Louis Rougier e os teóricos alemães do ordoliberalismo¹¹.

Nossa tese é a de que a posição mais moderada de Hayek de reformulação do liberalismo foi fundamental para

⁹ A Escola de Manchester é a corrente de pensamento econômico liberal que surgiu na cidade de Manchester, Inglaterra, na primeira metade do século XIX. Essa escola econômica inspirou-se no movimento contra as leis restritivas à importação de cereais pela Inglaterra. Baseada no princípio do *laissez-faire*, opunha-se à política protecionista e a qualquer intervenção do Estado nas áreas econômica e social.

¹⁰ Nos anos 1960 e 1970, Hayek radicalizou sua defesa de um liberalismo mais próximo a ideias ultraliberais, como a visão da desigualdade como positiva e a emissão privada de moeda.

¹¹ O ordoliberalismo é uma corrente de pensamento econômico, surgida na Alemanha da década de 1930, em reação à crise do liberalismo clássico e às políticas econômicas do período nazista. Compartilha pontos da agenda liberal, como a defesa do livre mercado e da livre iniciativa, mas diferencia-se por uma preocupação acentuada com uma política de prevenção e combate a cartéis e monopólios. Politicamente, a concepção ordoliberal costuma ser associada à chamada fase da economia social de mercado da Alemanha entre 1948 e 1966, quando muitos dos seus teóricos ocuparam posições-chave na administração governamental.

que ele assumisse a liderança intelectual do movimento internacional neoliberal do pós-guerra. Liderança esta, vale dizer, que não significou o fim das diferenças, divergências e mesmo conflitos no interior do movimento internacional.

Seu *O caminho da servidão* era o livro certo na hora certa. Em linguagem acessível, distante do “economês”, apresentou uma crítica moderada ao *laissez-faire*, palatável aos grupos liberais e mais fácil de popularizar naqueles anos de crise. É válido dizer que uma obra de tom intransigente em defesa de um neoliberalismo radical dificilmente teria a mesma repercussão naquele momento. Caso dos escritos de Mises, que acabaram relegados a um círculo minoritário dos liberais clássicos.

É importante dizer que Hayek acentuou sua defesa de uma agenda liberal econômica nas décadas seguintes com a publicação de *The Constitution of Liberty* e dos três volumes de *Law, Legislation and Liberty*. Nessas obras, o filósofo austríaco aproximou-se do *laissez-faire* ao advogar um papel mais limitado para o Estado, o valor positivo da desigualdade e a emissão privada de moedas em substituição às funções desempenhadas pelos bancos centrais estatais.

Contudo, em *O caminho da servidão*, Hayek destacou-se por se colocar em uma posição intermediária no campo liberal. Não apresentava uma crítica mais contundente ao *laissez-faire*, como faziam os ordoliberais alemães, mas também não era reticente a apontar certos exageros do ultraliberalismo, como fazia Mises. Essa é a grande força da obra que transformou Hayek na principal liderança do movimento neoliberal no pós-1945. Há ainda outro fator fundamental aqui: a aproximação e apoio do empresariado, em especial dos Estados Unidos, após o sucesso de vendas do seu livro.

O apoio do empresariado

A repercussão do livro tornou o nome do seu autor reconhecido internacionalmente, não apenas no mundo acadêmico, mas também como uma figura popular, principalmente entre os empresários liberais.

Em uma noite de segunda-feira, no dia 23 abril de 1945, Hayek apresentou seu livro no Clube de Economia de Detroit nos Estados Unidos. Em um evento com grande presença de empresários, Hayek ouviu seguidos elogios ao seu livro. No discurso, disponível em seu

arquivo na *Hoover Institution*, Hayek iniciou afirmando que não esperava o sucesso que atingiu e que escreveu o livro em um momento de profundo pessimismo e com a “expectativa de que no máximo pouco mais de uma centena de pessoas leriam”. Em seguida, declarando-se “angustiado no momento em que escrevera o livro” por conta da ascensão política dos trabalhistas na Inglaterra, buscou refutar uma das críticas recorrentes à sua obra, a de que teria exagerado o perigo que as democracias liberais enfrentavam, recorrendo a um título sensacionalista.

Neste evento, Hayek apontou uma das principais inquietações que norteou sua atividade intelectual e política nas décadas seguintes: a preocupação em formular um “liberalismo vivo” capaz de disputar no campo da utopia com as ideias da esquerda, em especial o socialismo. Diante de inúmeros empresários frustrados com o insucesso da oposição ao *New Deal*, Hayek defendeu, em tom professoral, uma filosofia viva, um liberalismo econômico novo, capaz de convencer amplos setores da sociedade. Tarefa que demandaria tempo, pois “movimentos intelectuais demoram a dar frutos, já que precisam dominar a opinião pública e determinar os futuros desenvolvimentos”. Para Hayek, contudo, era uma missão urgente, já que “não há dúvida de que, nas últimas duas gerações, o principal movimento intelectual, a principal influência veio de pessoas com uma filosofia oposta àquela em que acredito”¹².

O sucesso de *O caminho da servidão* e as viagens de Hayek contribuíram para a formação inicial de uma rede de indivíduos em defesa das ideias do neoliberalismo. Alguns empresários importantes aproximaram-se de Hayek neste período, caso dos estadunidenses Harold Luhnow¹³, Leonard Read¹⁴ e F. A. Harper¹⁵ e do britânico Antony Fisher. Os quatro foram destacados líderes empresariais e fundadores de *think tanks* responsáveis pela divulgação das ideias do liberalismo econômico. Examinaremos agora a construção de uma rede internacional de indivíduos e *think tanks* liberais e a seguir analisaremos o papel de Hayek e Antony Fisher na expansão do movimento para a América Latina.

A Sociedade Mont Pelerin

A ideia de Hayek de criar uma organização internacional em defesa das ideias do liberalismo econômico materializou-se com a formação da Sociedade Mont Pe-

¹² Discurso “The Road to Serfdom” no Clube de Economia de Detroit, Michigan. 23 de abril de 1945.

¹³ Harold Luhnow (1895-1978) conheceu Hayek em uma das palestras do filósofo no Clube de Economia, em Detroit, descrita nas páginas anteriores. Presidente do *William Volker Fund (WVF)*, fundo destinado ao financiamento de obras públicas na cidade do Kansas, passou a reorientar os investimentos com o objetivo de patrocinar a divulgação das ideias do livre-mercado no mundo. O fundo apoiou financeiramente inúmeras atividades a pedido de Hayek, em especial os encontros da Sociedade Mont Pelerin.

¹⁴ Leonard Read (1898-1983) foi o fundador da *Foundation for Economic Education (FEE)*, um dos mais destacados *think tanks* neoliberais dos Estados Unidos. A FEE contou desde o início com o apoio de importantes empresários do país, entre eles: Jasper Crane (*Du Pont Company*), H.W. Luhnow (*William Volker Fund*), Charles White (*Republic Oil Corporation*) e Donaldson Brown (*General Motors*). Read é ainda autor de 29 livros, entre eles o *best-seller I, Pencil*, libelo do liberalismo econômico do pós-guerra.

¹⁵ Floyd Arthur Harper (1905-1973) é reconhecido no movimento conservador dos Estados Unidos por ter fundado o *think tank Institute for Humane Studies (IHS)*. Antes de fundar o IHS, o economista trabalhou na FEE de Leonard Read.

lerin (SMP) em 1947. Seu encontro de fundação ocorreu, na Suíça, em um hotel no Monte Pelerin (origem do nome da organização).

Na conferência de abertura, Hayek afirmou que, em suas viagens nos últimos anos pela Europa e Estados Unidos, se surpreendeu com o número de defensores do liberalismo econômico que trabalhavam isolados em seus países. A ideia de criar a Sociedade Mont Pelerin teria surgido com o objetivo de reunir esses estudiosos e apoiadores da causa liberal que se encontravam afastados e “que não teriam outra oportunidade de estarem juntos”¹⁶.

Vale mencionar aqui que essa não foi a primeira iniciativa do tipo. Em 1938, no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, em Paris, estudiosos de diferentes correntes liberais, muitos deles futuros integrantes da Mont Pelerin, casos de Hayek, Mises, Wilhelm Röpke, Alexander Rustow, Jacques Rueff, entre outros, participaram do Colóquio Walter Lippmann. O evento reuniu, pela primeira vez, intelectuais dispostos a discutir, sob a ótica liberal, os problemas políticos e sociais do seu tempo e a pensar atividades para a defesa das ideias liberais. Esse colóquio está na gênese da formação da Sociedade Mont Pelerin e das redes neoliberais que surgiram nas décadas seguintes (Denord, 2001; Mirowski and Plehwe, 2015).

O primeiro encontro da Sociedade Mont Pelerin, que durou dez dias e reuniu intelectuais, empresários e jornalistas europeus e estadunidenses, só foi possível graças ao apoio financeiro de três organizações empresariais: duas delas dos Estados Unidos, *William Volker Fund*, de Harold Luhnow, e *Foundation for Economic Education*, de Leonard Read, homens de negócios que conheceram Hayek nas viagens de divulgação do livro no país, e uma da Suíça, o Instituto de Estudos Internacionais (*Schweizerisches Institut für Auslandsforschung – SLAF*), cujo diretor financeiro, Albert Hunold, tornou-se o primeiro (e mais longo) secretário-geral da Mont Pelerin. O empresário suíço teve um papel crucial no financiamento das atividades da organização em sua primeira década. Entre 1950 e 1966, ele captou, junto a banqueiros e empresários do seu país, o equivalente a mais de 3 milhões de euros para a SMP (Steiner, 2007).

Sobre esse apoio, ainda na conferência de abertura, o professor de História Econômica William Rappard parabenizou Hayek por seus esforços para a realização

do encontro, sem os quais “a reunião internacional de acadêmicos liberais teria permanecido um sonho inútil” e a seguir agradeceu “aos anônimos benfeitores nos Estados Unidos e na Suíça cuja generosidade foi quase tão indispensável para o sucesso do plano do professor Hayek quanto o plano em si”. É interessante notar como o estudioso alemão preferiu não nomear os financiadores estadunidenses e suíços do projeto da Mont Pelerin¹⁷.

Rappard continuou explicando a razão de ter considerado o apoio financeiro “quase tão indispensável para o sucesso [...] quanto o plano em si”, pois, para ele, “com ideias e sem dinheiro se faz pouco, mas com dinheiro e sem ideias não se faz absolutamente nada”. Assim, de forma simples e direta, Rappard resumiu o vínculo de interesses entre os intelectuais da Mont Pelerin e os empresários que sustentavam as atividades. Eles precisavam uns dos outros.

Como descreveu Milton Friedman, na época ainda um professor em início de carreira, o objetivo da reunião era muito claro: “Hayek e nós sentíamos que o mundo caminhava para a planificação, e de alguma forma deveríamos desenvolver uma empreitada intelectual para lutar contra esse movimento”¹⁸.

O objetivo da SMP era construir uma rede transnacional de defensores das ideias liberais com o intuito de persuadir intelectuais, políticos, formadores de opinião e, conseqüentemente, a população em geral acerca das supostas vantagens das economias capitalistas de livre mercado em oposição às economias socialistas ou capitalistas com maior participação do Estado.

A Sociedade Mont Pelerin foi capaz de reunir, já no momento de seu surgimento, as principais figuras do período identificadas com as ideias liberais, como os ingleses Lionel Robbins, John Jewkes e Michael Polanyi; os emigrados austríacos Ludwig von Mises, Fritz Machlup, Karl Popper e, claro, o próprio Hayek; os estadunidenses Henry Hazlitt, Frank Knight, Milton Friedman, Aaron Director e George Stigler; os alemães Wilhelm Röpke e Walter Eucken; os franceses Maurice Allais e Bertrand de Jouvenel; além de outros europeus.

Fundada por pouco mais de três dezenas de indivíduos, meio século depois a Sociedade Mont Pelerin possui mais de mil membros¹⁹. A organização é reconhecida atualmente pela participação de eminentes intelectuais²⁰, empre-

¹⁶ Friedrich Hayek, “Discurso de Abertura no Encontro de 1947 da Sociedade Mont Pelerin”. Arquivo da Sociedade Mont Pelerin. Caixa 5. Pasta 12. 26 páginas.

¹⁷ William E. Rappard, “Discurso de Abertura no Encontro de 1947 da Sociedade Mont Pelerin”. Arquivo da Sociedade Mont Pelerin. Caixa 5. Pasta 12. 10 páginas. Arquivo Mont Pelerin Society. Hoover Institution. Universidade de Stanford.

¹⁸ YouTube. Sem data. *Batalla por Economía Mont Pelerin y Escuela de Chicago 1947-1950s*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Hqtmq0jx7Y>. Acesso em 21/12/2020.

¹⁹ Uma característica importante da Sociedade Mont Pelerin que se mantém até os dias atuais é o predomínio de acadêmicos, especialmente do campo da Economia. Atualmente, apesar de a organização também ser composta por jornalistas, empresários, políticos e líderes de *think tanks*, os acadêmicos preservam posição de destaque e controle. É significativo que, em mais de 50 anos de história, a instituição teve apenas dois presidentes da instituição que não eram do mundo acadêmico: o guatemalteco Manuel Ayau (empresário) e o norte-americano Edwin Feulner (presidente do *think tank Heritage Foundation*).

²⁰ Oito membros da sociedade foram agraciados com o Prêmio Nobel de Economia: Friedrich Hayek (1973); Milton Friedman (1976); George Stigler (1982); James Buchanan (1986); Maurice Allais (1988); Ronald Coase (1991); Gary Becker (1992); Vernon Smith (2002). E um membro recebeu o prêmio em Literatura, Mario Vargas Llosa (2010).

sários e políticos e por sua contribuição para o surgimento de instituições similares de defesa dos livres mercados em todo o mundo.

Naquele primeiro ano, contudo, havia muitas divergências entre os participantes. Não havia consenso sobre a estrutura da nova organização, seus objetivos, e se teria um caráter público ou privado. Os participantes, unidos contra inimigos em comum (keynesianismo e socialismo), tampouco concordavam sobre o liberalismo (ou liberaisismos) que definiria a nova Sociedade. Podemos dividir ideologicamente a composição inicial da organização em três grupos principais: i) os defensores de um *laissez-faire* radical, cujo principal nome era Mises; ii) os proponentes de uma crítica moderada ao *laissez-faire*, em geral representantes das correntes econômicas das escolas Austríaca e de Chicago, com destaque para Hayek e Friedman; iii) os partidários de uma “economia social de mercado”, caso dos alemães da Escola de Freiburg, que acreditavam em um papel mais ativo e regulador do Estado que os demais membros da Sociedade. Devemos fazer duas ressalvas acerca dessa divisão tripartite proposta: não significa que esses grupos fossem homogêneos e tampouco quer dizer que não houvesse participantes com posições intermediárias nesses debates.

É interessante observar que este cenário é bem diferente das narrativas retrospectivas da Sociedade Mont Pelerin (e do neoliberalismo) que contam uma história monolítica da organização, supostamente composta por grupos liberais afinados e em plena harmonia. Bastante ilustrativo é o depoimento do prêmio Nobel George J. Stigler (2003), expoente da Escola de Chicago e presidente da SMP entre 1976 e 1978. Relembrando o encontro de 1947 em suas memórias, afirmou que “Os discursos eram de alto nível, mas não formavam uma unidade”.

O documento final do encontro, chamado Declaração de Objetivos, aponta as preocupações e interesses que uniam os participantes na nova organização. O caráter genérico e abstrato da resolução é indício da dificuldade de construir consensos sobre as atividades e o caráter da empreitada:

Um grupo de economistas, historiadores, filósofos e outros estudiosos de assuntos públicos da Europa e dos Estados Unidos se encontraram no Monte Pelerin, na Suíça, entre os dias 1º e 10 de abril de 1947 para debater a crise do nosso tempo. Esse grupo, desejoso de perpetuar a sua existência, promovendo futuros encontros e convidando pessoas de pensamento semelhante a participar, concordou com a seguinte declaração de objetivos. Os valores centrais da civilização estão em perigo. Em

grandes extensões da superfície da Terra, as condições essenciais da dignidade humana e da liberdade já desapareceram. Em outras, estão sob constante ameaça diante do desenvolvimento das tendências políticas atuais. As posições do indivíduo e do grupo estão cada vez mais debilitadas pela ampliação do poder arbitrário. Mesmo o bem mais precioso do homem ocidental, a liberdade de pensamento e de expressão, está ameaçado pela disseminação de credos que, alegando o privilégio de tolerância quando na posição de uma minoria, procuram apenas estabelecer uma posição de poder em que eles podem suprimir e obliterar todas as visões com exceção das suas. O grupo sustenta que estes desenvolvimentos têm sido fomentados pelo crescimento de uma visão da história que nega todos os padrões morais absolutos e pelo crescimento das teorias que questionam a conveniência do Estado de direito. Defende também que estes desenvolvimentos foram estimulados por um declínio na crença da propriedade privada e do mercado competitivo; pois sem um poder difuso e a iniciativa associada a estas instituições é difícil imaginar uma sociedade na qual a liberdade possa ser preservada de maneira eficaz. Acreditando que o que é essencialmente um movimento ideológico deve ser associado a um argumento intelectual e à reafirmação de ideias válidas, o grupo, [...], é da opinião de que um estudo mais aprofundado é desejável [...]. O grupo não deseja fazer propaganda. Não procura estabelecer uma ortodoxia rigorosa e detalhada. Não se associa a partidos políticos. Sua única finalidade, ao promover a troca de opiniões entre mentes inspiradas por certas ideias e concepções gerais em comum, é contribuir para a preservação e o aperfeiçoamento da sociedade livre²¹.

Como podemos observar, em seus primeiros anos, a SMP não possuía – e não desejava – visibilidade. Essa característica vai se manter até pelo menos a década de 1980. A partir desse período, com o crescimento vertiginoso da organização, o ingresso de políticos e o reconhecimento público de seus intelectuais, a SMP ganha mais publicidade.

Neste artigo, destacamos outros dois desenvolvimentos na rede organizada pela Sociedade Mont Pelerin nas duas décadas seguintes à sua fundação e que se relacionam com a América Latina. Em primeiro lugar, a entrada de intelectuais e empresários latino-americanos já nos primeiros anos da organização. E, em segundo lugar, o crescimento de *think tanks* liberais do continente na rede.

²¹ Trecho do documento *Statement of Aims*. Arquivo da Sociedade Mont Pelerin. Caixa 5. Pasta 16. Tradução nossa.

Os ventos sopram da e na América Latina

A SMP surgiu como uma organização composta exclusivamente por membros da Europa e dos Estados Unidos. De acordo com R. M. Hartwell (1995), ex-presidente da Mont Pelerin e responsável por publicar o livro *A History of the Mont Pelerin Society*, considerado uma espécie de história oficial da organização, havia, nas primeiras décadas, um acordo tácito de divisão de poderes entre europeus e estadunidenses. Seguindo esse pacto, por mais de uma década, a presidência, responsável pela parte administrativa, ficou com Hayek, austríaco, mas radicado nos Estados Unidos, e o secretariado, com boa parte dos encargos financeiros e de gestão, com o suíço Albert Hunold²².

Contudo, já na década de 1950, podemos observar a participação de intelectuais e empresários da América Latina na entidade. O número de membros latino-americanos aumentou constante e consideravelmente ao longo dos anos: cinco em 1951, dezessete em 1961, trinta em 1973 e quarenta e sete em 1989. Destaca-se aqui que havia representantes de diferentes países da região, como Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México e Venezuela, e que, durante todo o período, a Argentina contou com a maior quantidade de representantes.

Na década de 1960, apareceram os primeiros *think tanks* latino-americanos fundados por membros da Mont Pelerin, como *Zuloaga Instituto* (Venezuela), Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES (Brasil)²³, *Instituto de Investigaciones Sociales y Económicas* (México), *Centro de Estudios Económico-Sociales* (Guatemala), *Centro de Estudio sobre la Libertad* (Argentina) e *Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales* (El Salvador). O objetivo dessas organizações foi resumido de maneira clara por Nicomedes Zuloaga, fundador de um dos primeiros *think tanks* venezuelanos da rede: “Fundei e fui presidente do *Instituto Venezolano de Análisis Económico y Social* para fomentar os objetivos da Sociedade (Mont Pelerin) nos países de língua espanhola” (Hartwell, 1995, p. 209). Nas palavras do ex-presidente da Mont Pelerin, a Sociedade e os institutos latino-americanos ligados a ela tiveram um papel de destaque nas mudanças políticas e econômicas da região a partir da década de 1960 (Hartwell, 1995, p. 209-210).

Nos anos seguintes, o número de *think tanks* neoliberais participantes da rede Mont Pelerin cresceu bastante na América Latina. Em 1991, havia 22 organizações na

região. A liderança ficava com a Argentina e seus oito *think tanks*, Brasil e México possuíam três, Costa Rica e Venezuela dois e México, Guatemala, Peru e Chile contavam com um cada. Vale dizer que esses números são apenas de organizações associadas formalmente à rede, ou seja, a presença de *think tanks* liberais na região é maior no período.

Além do número de participantes e de *think tanks*, um dado interessante para avaliarmos a presença da região na Mont Pelerin é a realização dos principais eventos da rede. Na década de 1960, sintoma da expansão da instituição para a América Latina e o Japão²⁴, a SMP começa a organizar encontros nas duas regiões. Não são as conferências principais, denominadas Encontros Gerais (*General Meetings*), que continuaram a ocorrer exclusivamente em países europeus ou nos Estados Unidos até o final da década de 1980, quando acontece a conferência de Tóquio em 1988. Ainda assim, após 14 Encontros Gerais, ocorre o primeiro Encontro Regional na capital do Japão em 1966. Nos anos seguintes, cinco eventos tiveram sede na América Latina: Caracas (Venezuela, 1969); Cidade da Guatemala (Guatemala, 1973); Viña del Mar (Chile, 1981), Antígua (Guatemala, 1990) e Rio de Janeiro (Brasil, 1993).

É importante dizer que isso não significou que a organização não continuasse dominada pelos participantes europeus e estadunidenses. Os três principais cargos da instituição – a presidência, o secretariado-geral e a tesouraria – tiveram apenas representantes das duas regiões nas três primeiras décadas. O primeiro participante não europeu ou estadunidense a ocupar um cargo de destaque foi da América Latina: o empresário guatemalteco Manuel Ayau. Fundador do *Centro de Estudios Económico-Sociales* (CEES) e da *Universidad Francisco Marroquín*, duas instituições dedicadas ao estudo e promoção da ideologia neoliberal, Manuel Ayau assumiu a presidência da Mont Pelerin em 1978.

O caso brasileiro

A partir do final dos anos 1970, diferentes grupos brasileiros aproximaram-se da Sociedade Mont Pelerin. Entre os diversos contatos com participantes e *think tanks* da rede, destacamos neste artigo o papel de Hayek e do empresário britânico Antony Fisher.

A história de Antony Fisher é bastante emblemática do papel de Hayek como mentor deste processo de ex-

²² Não é possível neste artigo analisar o desenvolvimento da SMP nas décadas seguintes. Contudo, destacamos que, a partir dos anos 1960, período de expansão da sociedade para outros continentes, podemos observar que a instituição penderá para os Estados Unidos, principalmente por causa da saída dos ordoliberalistas alemães e do fortalecimento dos grupos estadunidenses, em especial os ligados à Escola de Chicago e da Virgínia.

²³ O IPES foi fundado por Paulo Ayres Filho, que participa das atividades da Sociedade Mont Pelerin desde o final dos anos 1950.

²⁴ Na Ásia, com exceção do Japão, e na África, a participação na organização foi muito restrita até meados da década de 1980.

pansão neoliberal. Piloto da Força Aérea britânica durante a Segunda Guerra Mundial, Fisher tornou-se fazendeiro após o conflito. Nos anos 1950, enriqueceu bastante com o novo negócio. Quando *O caminho da servidão* chegou a suas mãos, procurou Hayek em seu escritório na *London School*. Influenciado pelo livro, ele queria ajudar de alguma forma na “longa batalha de ideias” descrita no livro e que tanto o havia impressionado. No encontro com o filósofo, Fisher questionou o que poderia fazer para ajudar nessa guerra ideológica e “se deveria entrar para a política?”. Ao que Hayek respondeu negativamente, complementando:

A sociedade só vai mudar com uma transformação das ideias. Primeiro, você precisa atingir os intelectuais, professores e escritores com bons argumentos. Vai ser a influência deles na sociedade que vai prevalecer, a partir daí os políticos vão aderir (Blundell, 1990).

Antony Fisher seguiu o conselho de Hayek. Tornou-se o fundador de inúmeros *think tanks* voltados à defesa da agenda liberal. Na Grã-Bretanha, estabeleceu seu mais influente instituto: o *Institute of Economic Affairs – IEA*, um dos principais formuladores teóricos do thatcherismo. Nos EUA, criou outros: *Atlas Network*, inicialmente chamado de *Atlas Economic Research Foundation* (Washington D.C.); *Manhattan Institute* (Nova Iorque), *Pacific Institute* (São Francisco); *National Center for Policy Analysis* (Dallas). Podemos citar ainda outros *think tanks*, como o canadense *Fraser Institute* (Vancouver). Com uma atuação tão profícua, a história de Fisher costuma ser retratada nos livros de apologia ao ressurgimento das ideias do livre mercado e nas histórias de fundação desse tipo de *think tank* como um modelo de sucesso a ser seguido.

O contato dos brasileiros com Fisher ocorreu por intermédio de Hayek. Entre o final dos anos 1970 e início da década de 1980, o austríaco viajou três vezes ao país. Com exceção dos Estados Unidos, o Brasil foi a nação, fora da Europa, mais visitada pelo filósofo na última década de sua vida²⁵. As três viagens foram patrocinadas pela revista *Visão*, sob a direção do empresário Henry Maksoud, com o objetivo de divulgar as ideias de Hayek no Brasil e aproximá-lo dos meios acadêmico, empresarial e jornalístico nacional.

Nestas viagens, Hayek conheceu empresários brasileiros interessados em promover ideias liberais no país. Aqui destacamos dois brasileiros: Nahum Manela e Donald Stewart. Nos dois casos, o indicado pelo austríaco

para ser o principal interlocutor dos brasileiros na rede Mont Pelerin foi Antony Fisher.

Ao final de uma das palestras, o empresário Nahum Manela, dono da empresa de roupas íntimas DeMillus, procurou Hayek, interessado em investir na promoção das ideias do liberalismo econômico no país. Manela declarou que possuía uma soma importante para investir, mas não sabia como. Hayek imediatamente passou o contato de empresário britânico.

A seguir, Nahum Manela e o editor da revista *Visão*, José Stelle, escreveram para Fisher em busca de conselhos, contatos, *expertise* e apoio financeiro para a tentativa de fundar um *think tank* liberal em São Paulo²⁶.

Em uma das correspondências, Fisher fez um passo a passo das iniciativas necessárias para criar um *think tank*. Segundo ele, seria necessário, *a priori*, buscar o apoio de empresários e intelectuais. Os primeiros constituiriam um grupo de mantenedores, capazes de dar apoio financeiro e prover a estrutura legal e administrativa da organização. Já os intelectuais integrariam o que ele chamou de *Academic Advisory Board*.

Entre 1979 e 1983, Nahum Manela tentou sem sucesso tirar do papel seu *think tank*, o Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais (IBEPES). A princípio, escolheu Paulo Ayres para dirigir o instituto. Mas, após tentativas frustradas de captação de recursos para o instituto, Ayres abandonou o projeto²⁷. Em correspondência para José Stelle, em 1982, Fisher aconselhou o brasileiro, que contribuía com o projeto de Manela, a não desistir da empreitada depois da saída de Ayres. De forma ácida, o britânico escreveu que iniciativas como aquela estavam dando certo em vários países e que o problema estava no antigo diretor do instituto.

No final de 1982, Fisher escreveu para José Stelle buscando animá-lo e incentivá-lo a continuar na iniciativa, afirmando que “Rio de Janeiro e São Paulo precisam de institutos nos moldes do IEA”. Informou que “estava tendo sucesso em obter dinheiro para a *Atlas Foundation*, mas que no momento não possuía recursos para investir” em outras organizações. Sem poder ajudar financeiramente, o empresário britânico se ofereceu para “buscar outros brasileiros que queiram participar da construção de um *think tank* em São Paulo”.

Os problemas enfrentados pelos brasileiros eram discutidos internamente na *Atlas Foundation*. Em um relatório do *think tank* estadunidense, de novembro de 1982, há uma avaliação pessimista sobre a tentativa de

²⁵ Em 1962, a convite da Universidade de Friburgo, Hayek mudou-se dos Estados Unidos para a Alemanha.

²⁶ As correspondências entre Antony Fisher e José Stelle encontram-se no arquivo do Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

²⁷ Não encontramos documentos que justifiquem a escolha de Ayres, mas podemos observar que sua presença aproximaria o *think tank* de Manela da rede Mont Pelerin. Afinal, Paulo Ayres era membro da organização internacional há mais de duas décadas, tendo sido o segundo brasileiro, depois de Eugenio Gudín, a integrá-la.

²⁸ Documento *Atlas Report* de novembro de 1982. Arquivo Instituto Liberal.

fundação do Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais. A constatação era que, apesar de Manela ter o capital necessário para colocar em prática seu *think tank*, ele não possuía apoio da comunidade acadêmica e, com isso, dificilmente a iniciativa iria à frente²⁸. Segundo Hartwell (1995), escrevendo pouco mais de uma década após o relatório do Atlas, a grande presença de empresários em detrimento de acadêmicos era uma característica de vários *think tanks* da América Latina e do Japão.

Logo após a elaboração do relatório, no início de 1983, Fisher viajou ao Brasil para se encontrar com Nahum Manella e Og Leme, economista formado pela Escola de Chicago que auxiliava o empresário na formação do *think tank*. Durante os dias em que ficou no país, Fisher reuniu-se com grupos de empresários e estudantes interessados em divulgar as ideias do liberalismo econômico no país. Nos encontros buscava atrair apoio para o projeto do dono da rede DeMillus. Mas, no final do ano, no relatório do Atlas, a organização de Nahum Manela já constava como inativa.

Ao mesmo tempo que a iniciativa de Manela fracassava em São Paulo, outro empresário aparecia em cena. No Rio de Janeiro, Donald Stewart anunciava sua disposição de criar um *think tank* para promover as ideias liberais.

O Instituto Liberal brasileiro

O Instituto Liberal (IL), com sede no Rio de Janeiro, surgiu como iniciativa do engenheiro e empresário Donald Stewart Jr (1931-1999), dono da empresa Ecisa, quarta maior empreiteira em atividade no país no momento.

Assim como o dono da DeMillus, Stewart também se colocava como um admirador de Hayek e alguém que decidiu se dedicar à formação de um instituto liberal após as palestras do filósofo austríaco, promovidas pela revista *Visão*. De acordo com Stewart, após o encontro com Hayek e a leitura de seu último livro, *Law, Legislation and Liberty*, ele não poderia permanecer indiferente aos problemas que detectava no país. Em suas palavras, “não poderia depois disso continuar impassível. Algo precisava ser feito para divulgar essas ideias”²⁹.

Em fevereiro de 1983, Fisher celebrou a iniciativa de Donald Stewart, o novo financiador da causa liberal no Brasil. Stewart, dono da Ecisa, convidou José Stelle para ajudá-lo na organização do *think tank*. Para

evitar que a nova instituição tivesse o mesmo destino da experiência de Manela, Fisher aproximou-se dos dois brasileiros. O empresário britânico ofereceu contatos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha que poderiam auxiliar na arquitetura do novo *think tank*. Ele apontou novamente para o que entendia ser a grande dificuldade do projeto: conseguir apoio dos intelectuais brasileiros. A experiência de Manela, na sua avaliação, havia fracassado por isso. Sem o apoio da comunidade acadêmica, explicou, “o instituto não teria estudiosos e pesquisadores para municiar suas atividades”³⁰.

Nesse momento, Fisher convidou o recém-surgido Instituto Liberal para participar da rede Atlas e passou a orientar Stelle e Stewart na formação do *think tank*³¹. A ajuda do presidente do IEA dava-se em três frentes: fornecendo *expertise* e logística, aproximando o IL de outras organizações e apoiando com recursos e publicações.

Na primeira frente, Fisher oferecia treinamento. Fundar um *think tank* exige um certo *know-how* que o Atlas estava disposto a oferecer. A experiência com a composição do instituto, seus aspectos legais e administrativos, estratégias de arrecadação e comunicação eram proporcionados pela rede Atlas para os brasileiros. O modelo de organização era o *Institute of Economic Affairs*. Desse modo, nas correspondências com os brasileiros, ele sugeria que o Instituto Liberal seguisse o formato do *think tank* britânico: composto por dois conselhos, um Conselho Diretor, voltado à administração do instituto e dno qual fariam parte os empresários, e um Conselho Consultivo Acadêmico, composto por intelectuais. Detalhe curioso é que, na correspondência de Fisher para José Stelle, encontrada no Instituto Liberal, a frase do fundador do IEA advertindo que o Conselho Acadêmico não poderia ter a presença de empresários é grifada com destaque.

A segunda forma de apoio de Fisher era oferecer uma aproximação entre os brasileiros do Instituto Liberal e os presidentes e diretores de *think tanks* da rede Atlas. Apenas nos primeiros meses, Fisher entrou em contato com nomes como L. N. Jensen (diretor do IBM), Mari Ann Blatch (vice-presidente de relações públicas da *Reader's Digest*), Bill Hammett (diretor do *Manhattan Institute*), David Theroux (presidente do *Pacific Institute*) e John Goodman (presidente do *National Center for Policy Analysis*).

Por fim, o Atlas financiava pessoas, projetos e institutos da rede³². Já no primeiro ano do IL, Fisher comprometeu-se a enviar uma pequena quantia de dinheiro

²⁹ Documento *Os Primeiros Dez Anos dos Institutos Liberais*. Arquivo Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

³⁰ Correspondência de Anthony Fisher para José Stelle, em 22 de fevereiro de 1983. Arquivo Instituto Liberal.

³¹ Em 1984, segundo ano de atividades da organização, o Instituto Liberal integrou-se à rede internacional do Atlas e da Mont Pelerin.

³² Antony Fisher participou direta ou indiretamente da criação de inúmeros *think tanks*. Um dos seus principais *think tanks*, *Atlas Network* (originalmente chamado *Atlas Foundation*), foi fundado com o objetivo de contribuir para a formação de organizações liberais em todo o mundo. De acordo com documentos da organização, disponíveis no arquivo Institute of Economic Affairs, no Hoover Institution, em 1983, vinte organizações faziam parte da rede Atlas. Atualmente, são 461 *think tanks*, de 97 países. Para mais, ver: <https://www.atlasnetwork.org/>.

(não especificada) para ajudar o instituto brasileiro em seu esforço inicial. Mas, para o instituto brasileiro, como veremos a seguir, pelo menos inicialmente, dinheiro não era um problema. O mais importante era obter autorização para publicar livros, artigos e conferências promovidas pela rede Atlas. Muitas publicações do IL em seus primeiros anos são traduções de obras escritas por autores e editadas por institutos da rede Atlas/Mont Pelerin. Além disso, Fisher também se oferecia para financiar o estudo de acadêmicos e estudantes brasileiros nos Estados Unidos³³.

Em 16 janeiro de 1983, Donald Stewart, junto com um grupo de empresários, fundou oficialmente o Instituto Liberal. Inspirado nos *think tanks* estadunidenses e ingleses, fundamentais para a revolução econômica que estava em curso com Ronald Reagan e Margaret Thatcher, o IL surgiu como uma organização voltada para realizar uma transformação nos mesmos moldes no país. Seu objetivo era disseminar os princípios do liberalismo na sociedade brasileira, tornando a concepção liberal dominante na organização política, econômica e social³⁴.

Stewart tornou-se presidente e permaneceu no cargo até o início dos anos 1990. Os primeiros integrantes do instituto eram pesos-pesados dos setores industrial e financeiro e vinham de todos os cantos do país, como: o presidente do Grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter (RS); o empresário do Grupo Fenícia, Jorge Wilson Simeira Jacob (SP); o presidente do Unibanco, Roberto Bornhausen (SP); o dono do Grupo Ipiranga, João Pedro Gouveia Vieira Filho (RJ); e o empresário da Olvebra, Winston Ling (RS).

O objetivo principal do instituto não escondia a ambição de Donald Stewart: “convencer a sociedade brasileira das vantagens de uma ordem liberal”. Em seu estatuto, o Instituto Liberal definiu-se como uma entidade apartidária e sem fins lucrativos, mantida por doações e patrocínios de pessoas físicas e jurídicas. Da mesma forma que os demais *think tanks* estrangeiros, a conotação apartidária não significava sem orientação política. A inclinação era clara: neoliberal. Mas a ausência de vinculação político-partidária era uma forma de legitimar a atuação do instituto.

Nos anos seguintes, empresários e intelectuais de outros estados passaram a participar das atividades desenvolvidas no Rio de Janeiro, o que levou à fundação de núcleos do Instituto Liberal em diferentes capitais. São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Salvador, Recife e

Belo Horizonte receberam unidades do IL. A nacionalização se dava pelo desejo de integrantes de outras regiões de desenvolverem atividades em seus estados, mas também por uma questão estratégica, já que facilitava a captação de patrocinadores. Para Donald Stewart,

*Era preciso regionalizar a ação do IL com o propósito de ampliar o número de mantenedores e diversificar as formas de atuação. Era preciso também encontrar as lideranças regionais que se dispusessem a assumir essa tarefa e essa responsabilidade*³⁵.

O Instituto Liberal teve apoio de destacados grupos empresariais desde sua fundação. No período analisado por este artigo, os primeiros dez anos do IL, o instituto permaneceu uma organização controlada por empresários. Apesar de não publicar regularmente informações sobre suas fontes de financiamento, com base em documentos encontrados no arquivo do Rio de Janeiro podemos afirmar que importantes empresas nacionais apoiaram o *think tank* brasileiro nesse período.

Em 1993, um relatório do instituto com uma lista de patrocinadores é revelador da dimensão do apoio com que contava. Ao todo, 225 empresas patrocinavam o *think tank* brasileiro. Entre elas estavam grandes grupos industriais, comerciais, da construção civil e do setor financeiro. São exemplos: Amil Assistência Médica Internacional, Banco Bamerindus, Banco Bozano Simonsen, Banco Fenícia, Bombril, Bradesco, Carrefour, Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga, Companhia Antártica Paulista, Citibank, Nestlé, Construtora Norberto Odebrecht, Eucatex Indústria e Comércio, Indústrias Gradiente, Rhodia, Indústrias Votorantim, Samarco Mineração, Siemens, TV Globo, Unibanco Corretora de Seguros, Varig e Vasp³⁶.

Vale dizer, no entanto, que, diferentemente do Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais de Nahum Manela, o Instituto Liberal conseguiu atrair pessoas de fora do mundo empresarial, como economistas, advogados, engenheiros, professores, jornalistas e estudantes.

Tomando como recorte aqui os primeiros dez anos do Instituto Liberal (1983-1993) e considerando que as ações variaram de núcleo para núcleo, podemos identificar algumas atividades desenvolvidas pelos ILs: publicação de periódicos, livros e cartilhas³⁷; tradução de obras clássicas e contemporânea liberais; financiamento de programas de rádio e televisão; criação de concursos de

³³ Correspondência de Antony Fisher para José Stelle, em 29 de março de 1983. Arquivo Instituto Liberal.

³⁴ Documento *Os Primeiros Dez Anos dos Institutos Liberais*. Arquivo Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

³⁵ Documento *Os Primeiros Dez Anos dos Institutos Liberais*. Arquivo Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

³⁶ O documento, contudo, não revela informações mais precisas, como: por quanto tempo determinada empresa patrocina o IL e quais valores estão envolvidos.

³⁷ Um exemplo dessas atividades foi a produção de uma cartilha para o público infanto-juvenil. Em 1993, o Instituto Liberal de São Paulo decidiu lançar uma campanha de estímulo à cidadania. Para isso, produziu, em parceria com Maurício de Souza Produções, a publicação “A Turma da Mônica – Cidadania”. A cartilha foi patrocinada pelo Unibanco, pelo Bradesco, pelo Citibank, pela Metalac e pelo Shopping Eldorado. Com uma tiragem inicial de 500 mil exemplares, a cartilha foi distribuída na rede de ensino da cidade de São Paulo.

monografia para jovens universitários e de prêmios para jornalistas; produção de cursos de formação, alguns deles voltados exclusivamente para professores; realização de seminários; elaboração de projetos de políticas públicas inspirados nas teorias econômicas liberais. Havia ainda a participação em eventos internacionais, destaque aqui para a presença de membros do Instituto Liberal nas conferências da rede Mont Pelerin, a realização de eventos em parceria com *think tanks* estrangeiros, como os colóquios com os estadunidenses *Liberty Fund* e *Atlas Foundation*, e a organização e coordenação do Encontro Regional da Mont Pelerin no Rio de Janeiro em 1993.

Considerações finais

O artigo buscou demonstrar a importância do intelectual austríaco Friedrich Hayek e de sua organização, a Sociedade Mont Pelerin, para a formação de um movimento transnacional de indivíduos, sobretudo intelectuais, empresários e jornalistas, e *think tanks* com o objetivo de divulgar as ideias neoliberais no mundo, com destaque para a América Latina.

Diferentemente da tradicional história das ideias, sublinhamos a importância das articulações humanas, dos agenciamentos e dos circuitos sociais, políticos e econômicos para a circulação transnacional das ideias. Nesta perspectiva, distanciamos-nos das teses simplificadoras do neoliberalismo, que concebem um fenômeno que paira acima de indivíduos e organizações sociais. A partir de Hayek e de suas investidas intelectuais e políticas, historicizamos e conectamos as ideias neoliberais aos seus agentes e contextos de operação.

O sucesso de *O caminho da servidão*, a rede de intelectuais liberais formada nos anos 1930 e 1940 e o apoio do empresariado, em especial dos Estados Unidos, viabilizaram a iniciativa do filósofo austríaco de construir uma rede internacional de defesa das ideias neoliberais. Embora a Sociedade Mont Pelerin tenha sido fundada apenas por europeus e estadunidenses, a participação de membros de outras regiões, com destaque para a América Latina, se fez sentir já nos primeiros anos.

A entrada e atuação dos intelectuais e empresários latino-americanos na SMP são fundamentais para compreendermos a fundação de *think tanks* e a difusão da agenda neoliberal no continente. A partir da década de 1950, intensificando-se nos anos 1960 e 1970, a presença de membros da América Latina na organização de Hayek e a criação de institutos liberais na região aumentaram exponencialmente.

No Brasil, o Instituto Liberal, do engenheiro Donald Stewart, teve um papel de destaque na promoção da ideologia neoliberal no país durante as décadas de 1980

e 1990. Com sedes em oito cidades e o apoio de grandes grupos empresariais, o IL desenvolveu atividades como a tradução e publicação de livros; realização de palestras, conferências e seminários; produção de periódicos; elaboração de políticas públicas, entre outras.

Como principal representante brasileiro na rede internacional da Mont Pelerin no período, o Instituto Liberal não foi apenas um dos principais responsáveis pela difusão de uma cultura política liberal no país, mas também o precursor de um movimento que ganhou força a partir dos anos 2010. Atualmente, organizações similares de defesa das ideias e valores neoliberais, como o Instituto Ludwig von Mises Brasil, o Estudantes pela Liberdade, o Instituto Millenium, entre muitos outros, trilham o caminho aberto pelo Instituto Liberal.

Referências

- BLUNDELL, J. 1990. *Waging the War of Ideas: Why There Are No Shortcuts*. London, The Institute of Economic Affairs, 190 p.
- DENORD, François. 2001. Aux origines du néo-libéralisme en France: Louis Rougier et le Colloque Walter Lippmann de 1938. *Le Mouvement Social*, (195): 9-34.
- FRIEDMAN, M; FRIEDMAN, R. 1998. *Two Lucky People: Memoirs*. Chicago, The University of Chicago Press, 660 p.
- HARTWELL, R. 1995. *A History of the Mont Pelerin Society*. Indianapolis, Liberty Fund, 250 p.
- HAYEK, F. 1967. *Studies in Philosophy, Politics and Economics*. New York, Simon & Schuster, 366 p.
- HAYEK, F. 1990. *O caminho da servidão*. Rio de Janeiro, Instituto Liberal, 221 p.
- MIROWSKI, Philip; PLEHWE, Dieter. 2015. *The Road from Mont Pelerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 469 p.
- NASH, G. 2006. *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*. Wilmington, DE, ISI Books, 656 p.
- PHILLIPS-FEIN, K. 2009. *Invisible Hands*. New York, Norton, 360 p.
- STEINER, Y. 2007. Les riches amis suisses du néolibéralisme: De la débâcle de la revue *Occident* à la Conférence du Mont Pelerin d'avril 1947, *Traverse*, 1:114-126.
- STIGLER, G. 2003. *Memoirs of an Unregulated Economist*. Chicago, University of Chicago Press, 228 p.

Fontes

- ARQUIVO HOOVER INSTITUTION (Universidade de Stanford, Califórnia).
- Fundo Friedrich Hayek. 1945. Discurso "The Road to Serfdom" no Clube de Economia de Detroit. Michigan. 23 de abril. Caixa 106. 35 páginas.
- Fundo Friedrich Hayek. Cartas entre Fritz Machlup e John Scoop. Caixa 36. Pasta 17.
- Fundo Friedrich Hayek. Carta de Fritz Machlup para Hayek. Caixa 36. Pasta 17.
- Fundo Friedrich Hayek. Carta de Stanley High para Hayek. Caixa 101. Pasta 10.

Fundo da Sociedade Mont Pelerin. 1947. “Discurso de Friedrich Hayek de Abertura no Encontro de 1947 da Sociedade Mont Pelerin”. Caixa 5. Pasta 12. 26 páginas.

Fundo da Sociedade Mont Pelerin. 1947. “Discurso de William Rappard de Abertura no Encontro de 1947 da Sociedade Mont Pelerin”. Arquivo da Sociedade Mont Pelerin. Caixa 5. Pasta 12. 10 páginas.

Fundo da Sociedade Mont Pelerin.. 1947. Statement of Aims. Caixa 5. Pasta 16.

ARQUIVO INSTITUTO LIBERAL (Rio de Janeiro).

Correspondências entre Antony Fisher e José Stelle. Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

Documento Atlas Report. 1982. Instituto Liberal.

Os Primeiros Dez Anos dos Institutos Liberais. 1993. Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

Submetido em: 29/12/20

Aceito em: 05/04/2021